

A ESCRITA DO POEMA COMO GESTO DE PERDÃO: INCURSÃO ENTRE DERRIDA E CELAN¹

The writing of the poem as gesture of forgiveness: incursion between Derrida and Celan

Renata Guadagnin

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

RESUMO

Esse pequeno ensaio representa uma pesquisa a contrapelo dentre as temáticas que circunscrevem nossa pesquisa de doutorado acerca da Alteridade e do Não-idêntico em Lévinas e Adorno. Por isso, a passos iniciais e à margem, o que se pretende aqui é, de certa forma, um diálogo sobre a Obra Poética, principalmente em Celan, nos rastros de Lévinas e de Derrida, pensando a poesia como um gesto ético que provoca uma *utopia (mudança de) na respiração* que o poema percorre como traço da desconstrução derridiana e, talvez, como um gesto de perdão. Perdão que, para Derrida, é um *pardon-demande*, é ainda um gesto ético percorrido pelo poema? Perdão, tal como a poesia, desinteressado (mas convocado), que se estende: perdoar a qualquer coisa a qualquer um, todas essas formas “de quem e do que” não cessam, elas revisitam e se fazem presença na linguagem do perdão. *Pardon. Merci.*

PALAVRAS-CHAVE: Celan; Derrida; perdão; poema.

ABSTRACT

This little essay represents a research about the point of view within the set of themes that circumscribe our doctoral research about the alterity and the non-identical from Lévinas and Adorno. Hence, at the beginning, what is intended here is, in a way, a dialogue about the Poetry Work, especially from Celan, on the traces of Lévinas and Derrida, thinking the poetry as a ethical gesture that provokes an *utopia (change) in the breathing* that the poem goes through as trade of the deconstruction from Derrida and perhaps as a gesture of forgiveness. Forgiveness that, for Derrida, it is a *pardon-demande*, is it still an ethical gesture that goes through the poem? Forgiveness such as the poetry, disinterested (but summoned), that extends itself: forgive anything to anyone, all these shapes "from who and from what" do not surrender, they revisit and make themselves present on the language of the forgiveness. *Pardon. Merci.*

KEYWORDS: Celan; Derrida; forgiveness; poetry.

Die Welt ist fort, ich muss dich tragen.

PAUL CELAN

Seul, très seul sur une ligne – un vers.

JACQUES DERRIDA

O poema demanda perdão

O agradecimento do poema, que é ainda um perdão – ao escrevermos pedimos perdão, diz Derrida –, mesmo na impossibilidade de saber seu completo endereçamento, é também testemunho, rastro do poeta, assinatura no livro, “*parole à venir au cœur*”: falar a um coração, com um coração, porque, para falar com Celan: “Eu não vejo diferença, de princípio, entre um aperto de mão e um poema”. Nesses traços, nos deparamos com as perguntas colocadas por Celan em *Der meridian*

¹ Este texto amplia e revisa o texto “O (im)possível endereçamento do perdão e a “signature” do poema – de um traço ao outro, nos rastros de Celan a Derrida”, apresentado do Colóquio Internacional Jacques Derrida – Rastros do impensado, na Universidade Federal de Brasília, entre os dias 19 a 23 de setembro de 2016.

sobre o endereçamento a um Eu des-interessado, “Singular des-substancialização do Eu!”, para falar com Lévinas, “um Eu esquecido de si” que volta a se libertar: “mas com que meios?”, “mas em que condição?”. Das interrogações colocadas pelo poeta e por Derrida, pensamos *se, e este é um se em itálico, grifado, o perdão*, mesmo diante do im-perdoável, através da assinatura do poema, de uma “*signature de le poème*”, pode ser este meio para de novo respirar, pausar a respiração, ser esse “reunir liberto e vago” que o poema procura, através do gesto *perdão*. A possibilidade de a experiência poética ser o caminho, a utopia na respiração, irrupção do instante de responsabilidade que o outro nos convoca, inscrito nas palavras do dito e que tentam incessantemente dizer, palavras *poéticas*. Trata-se aqui dessa tentativa infinita que significa pensar a arte poética, um diálogo entre a assinatura do poema e sua significação para Paul Celan e o (im)possível endereçamento do perdão através da poesia. Diálogo entre os textos em prosa e o poema “Todtnauberg” de Celan e essa palavra *Pardonner* para e em Derrida. Assinatura contra-assinatura, rastros do *impossível caminho do impossível: a poesia que carrega uma loucura poética do acontecimento*. Gostaria de ficar com o poema do Celan no horizonte:

TODTNAUBERG²

Arnika, Augentrost, der
Trunk aus dem Brunnen mit dem
Sternwürfel drauf,

in der
Hütte,

die in das Buch
–wessen Namen nahms auf
vor dem meinen?-,
die in dies Buch
geschriebene Zeile von
einer Hoffnung, heute,
auf eines Denkenden
kommendes
Wort
im Herzen,

Waldwasen, uneingeebnet,
Orchis und Orchis, einzeln,

Krudes, später, im Fahren,
deutlich,

der uns fährt, der Mensch
der’s mit anhört,
die halb-
beschrifteten Knüppel-
pfade im Hochmoor,

Feuchtes,
viel.
(CELAN, 1996a)

² Todtnauberg é a cidade onde Haidegger tinha sua cabana. Tradução espanhola: “Árnica, alegría de los ojos, el trago del pozo con el dado de estrellas encima, // en La Cabana // escrita en el libro / – ¿qué nombres anoto / antes del mío? – / en este libro / la línea de / una esperanza, hoy, / en una palabra que adviene / de alguien que piensa, / en el corazón, // brañas del bosque, sin allanar, / satirión y satirión, en solitario, // crudeza, más tarde, de camino, / evidente, / el que nos conduce, / el hombre, / que lo oye también, // las sendas / de garrotes a medio / pisar, en la turbera alta, // mojado mucho” (CELAN, 2002). Para conferir tradução em português, cf. LIMA, 2000, p. 268-269.

“Nós não devemos perdoar em nome de uma vítima, sobretudo se ela é radicalmente ausente na/à cena do perdão, por exemplo, se ela é morta” (DERRIDA, 2012, p. 37)³. A poesia demonstra sua dimensão de temporalidade. Rosenzweig nos dirá que “o tempo é o outro” (ROSENZWEIG, 1989, p. 63), encontro com o que não sou eu. Se dá no instante anterior ou posterior ao fragmento do real, ao qual se dirige o pensamento e se constitui, em direção a um Eu que apesar de si, se desidealiza no movimento: “Singular des-substancialização do Eu!” (LÉVINAS, 2014, p. 65)⁴, movimento de responsabilidade “de-um-para-o-outro”. O encontro com o outro ocorre no poema, o poema “proclama uma pretensão de infinito”, conforme Celan, de infinitas possibilidades de sentido que um encontro singular convoca, ou como Lévinas dirá em *Autrement*: “A infinitude do infinito vive à contrapelo” (LÉVINAS, 1990, p. 26)⁵. Cada poesia colocada no mundo dá o seu testemunho, é sua própria experiência. Ou ainda, com Derrida, onde a literatura é pensada entre literatura e sentido ético, a indecidibilidade do secreto, do segredo (cf. DERRIDA, 2000, p. 131 et seq.). A literatura seria um dos lugares do indecidível do pensamento da desconstrução, lugar *pathos*, afeto, aquilo que afeta e se deixa afetar por todo o outro que é *totalmente outro* (cf. DERRIDA, 1995) ou o “eis-me aqui”⁶. O sentido poético da poesia que está também no gesto de responsabilidade da literatura.

Nossa convocação central para este ensaio, a conferência de Derrida que leva por título *Pardoner*, ressoa das questões: *que instâncias, que sujeitos convocam o perdão? E disso deriva: quem perdoa a quem? O que se perdoa? Quem ocupa e quem encerra a instância do perdão? Quem é o sujeito perdoado, o sujeito objeto desse perdão, o sujeito sujeito ao perdão?*

Derrida traça nesta conferência um caminho da provocação que a palavra Perdão implica, palavra latina. Essa incursão segue seu curso passando pela análise do texto de Jankélévich, “L’imprescriptible”, transcorrendo sobre o perdão na relação jurídica e no papel desempenhado pela instituição ao julgar uma ação ou ato, cujo o cunho pode ser de reparação, mas que conteria em si uma dimensão *inexpiable*. Derrida expõe os argumentos de Jankélévich para dizer então:

Jankélévich marca bem que lá onde existe o inexpiável, existe o imperdoável, e lá onde o imperdoável advém o perdão torna-se impossível. É o fim do perdão e da história do perdão: o perdão é morte no campo da morte. Nós, faríamos, da nossa parte, de nos demandar, tudo ao contrário (uma vez *em* e *contra* o conceito de perdão, em, transversalmente ou contra a ideia do perdão que nós herdamos – e nós devemos interrogar a herança, pode ser contestar a herança, contestar o legado herdado, e é uma reflexão sobre a herança que nós começamos aqui), se o perdão não deve ser livre de sua correlata expiação. Nos demandamos si essa possibilidade não é chamada precisamente, e somente, lá onde ele aparece, frente ao im-perdoável, impossível, e possível somente tomado/capturado com o im-possível. (DERRIDA, 2012, p. 38, grifos no original)⁷

³ No original: “On ne devrait pardonner au nom d’une victime, et surtout si celle-ci est radicalmente absente à la scène du pardon, par exemple si elle est morte”.

⁴ No original: “Singulière dé-substantiation du Moi!”.

⁵ No original: “L’infinité de l’infini vit à rebours”.

⁶ O “eis-me aqui” trazido já por Lévinas em *Autrement qu’être ou au-delà de l’essence*, é retomado por Derrida em “La literatura segregada” (em *Dar la muerte*): “¿El secreto de cierta afinidad electiva entre Dios y Abraham con el secreto de lo que llamamos la literatura, el secreto *de* la literatura y el secreto *en* literatura? (...) ¿Abraham! Él respondió: ‘Heme aquí’. (...) Pero esperamos un poco para ver cómo esta prueba del secreto pasa por el sacrificio de lo más querido, el mayor amor del mundo, lo único del amor mismo, lo único contra lo único, lo único para lo único. Porque el secreto del secreto del que vamos a hablar no consiste en esconder *algo*, en no revelar su verdad, sino en respetar la singularidad absoluta la separación infinita de lo que me une con o me expone a lo único, tanto al uno como al otro, tanto al Uno como al Otro (referencia ao Génesis XXII)” (DERRIDA, 2000, p. 115-116, grifos meu).

⁷ No original: “Il [Jankélévich, R.G.] entend bien marquer que là où il y a de l’inexpiable, il y a de l’imperdonnable, et là où l’imperdonnable advient le pardon devient impossible. C’est la fin du pardon et de l’histoire du pardon: le pardon est morte dans les camps de la mort. Nous aurions, pour notre part, à nous demander, tout au contraire (à la fois *dans* et *contre* le concept de pardon, dans, par-delà ou contre l’idée du pardon dont nous héritons – et dont nous

Seguindo pelo texto, Derrida nos dirá que o perdão é um perdão-demandado, não que necessariamente isso seja dito ou enunciado, mas precisamente e essencialmente que ele seja *signifié*, significado como tal. Uma demanda que tem diante dela uma expiação do perdão, uma confissão, uma lembrança, uma *significação*. Ainda, nessa estrutura do perdão-demandado, onde se espera o perdão e se estende o perdão, há uma temporalidade e uma estrutura temporal (cf. DERRIDA, 2012, p. 39) e é por isso que ele precisa ser, de certa forma, acordado, ele partilha de uma humanidade impartilhável, pois, se apenas perdoa-se o imperdoável, há que se ter um *dom* para o perdão, uma espécie de compaixão entre aquele que perdoa e o que quer ser perdoado, há um endereçamento. A responsabilidade daquele que comete o ato não recai apenas sobre o ato imperdoável, mas também por se abster de falar após o ato cometido, pelo seu silêncio e por aquilo que ele se abstém de dizer, nesse intervalo de percepções entre o ato cometido e o pedido de perdão ou seu silêncio, neste instante, é que se tem a escolha para essa partilha do impartilhável. É por isso que Derrida irá traz como exemplo o poema de Celan, “Todtnauberg”. Poema escrito como marca da memória e testemunho da visita de Celan a Heidegger na casa da montanha, na Floresta Negra. É exatamente este o ponto fundamental de *Pardoner* aqui para nós. Talvez os versos escritos junto da assinatura de Celan, no caderno da casa de Heidegger, fossem mesmo uma forma de questionar sobre o silêncio e uma forma de estender o perdão inclusive pelo silêncio. Mas, Derrida diz que não ousa fazer essa interpretação tão simplesmente, isso porque para além do “respeito à carta e à elipse do poema de Celan”, também por prudência hermenêutica como ele mesmo diz, mas não apenas isso, há no perdão, acordado ou demandado, um endereço que não deve restar jamais indecidivelmente equívoco. E, nem antes, nem em 1945, Heidegger pronunciou uma sequer palavra sobre o que antes ele tinha dito acerca do nazismo:

É o que diz “Todtnauberg”, e não se autoriza intérpretes que pretendam transformar ele em uma narração límpida e clara (do gênero: Celan-é-vindo, Heidegger-não-demandou-perdão-aos-Judeus-em-nome-dos-Alemães, Celan-que-espere-uma-palavra-de-perdão, um “perdão!”, um perdão-demandado, desiludido-deixa-parte-e-o-sentido-de-seus-poemas), não é o que diz o poema, nem ao menos nos primeiros versos [...]. (DERRIDA, 2012, p. 43)⁸

“No topo, que nomes escolheu antes do meu?”

Não é o raso perdão ou sua superfície que é demandada ou recalçada quando negado. Essa palavra, *perdão*, foge a toda a normatização ou institucionalização das punições. Ele simplesmente se faz como prova do impossível e da desconstrução, da meta-ética lévinasiana, por exemplo. Não como prova do verdadeiro ou do que é, de uma balança com pesos entre certo ou errado, se não recairia em uma totalidade violenta – ontologia da verdade –, o perdão, de certa maneira, está ligado à *confissão*, um precisa do outro para se fazer possível o endereço. Não basta que eu queira perdoar, nem basta que eu queira ser perdoado, estamos em uma dimensão quase-dialogada, esse quase-impossível que chega. O perdão exige um ato inominável guardado na memória e que se rememora toda vez que o ato se faz presença por detrás do olhar ou no corpo que sofre com a ação que lhe foi dirigida. No poema, há um sentido de referência testemunhal, mas há também a *signature* do poema, no caso deste poema de Celan “e do poema que se sinaliza como nome de uma assinatura no livro, um nome deixado no livro” (DERRIDA, 2012, p. 44-45)⁹ como uma palavra que vem ao coração. Como uma assinatura e um traço deixados no livro de um outro, nos diz Derrida. Esses riscos, esses traços, são

deverons interroger l’héritage, peut être contester l’héritage en en héritant, et c’est une réflexion sur l’héritage que nous entamons ici), si le pardon ne doit pas s’affranchir de son corrélat d’expiation. Demandons-nous si sa possibilité n’est pas appelée précisément, et seulement, là où il paraît, devant l’im-pardonnable, impossible, et possible seulement aux prises avec l’im-possible”. Tradução livre deste e dos demais trechos, feita para uso pessoal.

⁸ No original: “Ce que dit ‘Todtnauberg’, et dont s’autorisent les interprètes qui se pressent de transformer cela en narration limpide (du genre: Celan-est-venu, Heidegger-n’a-pas-demandé-pardon-aux-Juifs-au-nom-des-Allemandes, Celan-qui-attendait-un-mot-de-pardon, un ‘pardon!’ – un-pardon-demandé – est-parti-déçu-et-il-en-ses-poèmes’), non, ce que dit le poème, c’est au moins ceci, dès ses premiers vers [...]”.

⁹ No original: “et d’un poème qui se signe en nommant une signature dans un livre, un nom laissé dans un livre”.

marcados ali como uma *esperança* e um *dom* do pensamento de algo vir a falar à um coração de um ser pensante, é a isso que a palavra do poema é presença, um reconhecimento aparente da temática do ato descrito, ou seja, a essência mesma do poema – *au don du poème* é que essa *signature* fala com seu rastro:

Esse poema diz também e o dom, e o dom do perdão, e esse dom do poema que é ele-mesmo. Ao mesmo tempo que ele dá, ele recebe, recorda o passado chama o passado e é da espera que o chama. Por seu retorno e por sua chamada, ele pertence ao elemento do dom. E então do perdão, do perdão demandado, ou do perdão acordado, os dois, cada vez, sem dúvida no momento onde ele diz a experiência poética a cada vez como apelo do reconhecimento (no sentido da consciência, do reconhecimento como gratidão/gratuidade), a experiência poética como dom e perdão esperados, demandados, acordados, pelo outro, ao nome do outro. Como se não houvesse nenhuma experiência poética, da experiência da língua como tal, sem experiência do dom e do perdão – que eles são demandados ou não, acordados, dados. O ponto de interrogação e a questão sobre o nome que vem antes da mão no livro [Derrida cita Celan] (*que nomes recolheu, / antes do meu?*) – o nome que faz acolher a mão, com essa aliteração irreduzível, *Que nomes recolheu*, que invoca a hospitalidade (*aufnehmen*), a recepção oferecida ao outro. (DERRIDA, 2012, p. 44-45)¹⁰

O poema de Celan faz um verdadeiro diálogo entre o nome não dito, mas acolhido, convocando à uma hospitalidade, como é o dom do perdão, uma recepção que ofertada ao outro em sua gratuidade desde a experiência da língua através da linguagem, demandado, acordado ou não, é dado através do poema. Seu chamamento, seu nome caracteriza o *don*, faz-se a experiência poética e possibilita a entrada do sentido do perdão no mundo e neste caso, ainda que não demandado, ele é dado, através do *donner/dar* em sua gratuidade. No caso do livro, um livro de assinaturas sobre o qual eu assino e outros assinaram antes de mim, marcando, re-marcando a assinatura:

Que eu contra-assinei ou que me contra-assinou, que contra-assina minha própria assinatura, o dom e o perdão que ocorreu diante do lugar, ou não, até mesmo a ser decidido. Tal contra-assinatura abissal faz o corpo com o poema, no poema, com a experiência da língua mesma, sempre como língua do outro, é isso que Celan conhece e reconhece singularmente, em sua singularidade, mais que é também uma experiência universal da língua (eu devo dizer que eu mesmo assinei o livro na montanha, demandado pelo filho de Heidegger, com certa inquietação, uma inquietação que se porta muito aos seguintes fatores, sem o saber, eu estava assinando, ao mesmo tempo que me rabiscando a mim-mesmo às pressas, as duas coisas são susceptíveis de serem consideradas igualmente erradas, com razão ou não, imperdoáveis. [...]) “Todtnauberg” resta então ser lido, a recebido – como o dom ou o perdão mesmo, o dom e o perdão que são o poema diante do ser, eventualmente, seus temas ou o tema de uma expectativa decepcionada do poeta. (DERRIDA, 2012, p. 45-46)¹¹

¹⁰ No original: “Ce poème dit aussi et le don, et le don du poème, et ce don du poème qu’il est lui-même. Autant parce qu’il donne que parce qu’il reçoit, du passé qu’il rappelle et de l’espoir qu’il appelle. Par son rappel et par son appel, il appartient à l’élément du don. Et donc du pardon, du pardon demandé, ou du pardon accordé, les deux à la fois sans doute, au moment où il dit l’expérience poétique à la fois comme appel de reconnaissance (au sens de la conscience, de la reconnaissance qui reconnaît et avoue, ou de la reconnaissance qui remercie, de la reconnaissance comme gratitude), l’expérience poétique comme don et pardon espérés, demandés, accordés, pour l’autre, au nom de l’autre. Comme s’il n’y avait pas d’expérience poétique, d’expérience de la langue comme telle, sans expérience du don et du pardon – qu’ils soient ou non demandés, accordés, donnés. Le point d’interrogation compte et la question sur le nom qui vient avant le mien dans le livre (*Wessen Namen nahms auf / vor dem meinen?*) – le nom qui fut accueilli avant le mien, avec cette allitération intraduisible, *Namen nahms auf*, qui évoque l’hospitalité (*aufnehmen*), la réception offerte à l’autre”.

¹¹ No original: “Que je contresigne ou qui me contresigne, qui contresigne me propre signature, le don et le pardon ayant eu lieu, ou non, ayant eu même à en décider. Telle contresignature abyssale fait corps avec le poème, avec

Assinatura-contra-assinatura do poema. A assinatura mesmo torna-se uma experiência da linguagem diante daquele que comete o ato inominável e imperdoável, assinar e endereçar ao outro mesmo como dom, como inquietude de seu silêncio e também questionamento. Ler e receber como dom e perdão o poema, talvez seja essa a possibilidade de endereçamento da assinatura e ao mesmo tempo da possibilidade de não mais sufocar, tentar respirar, respirar ainda apesar de tudo. Posto no mundo como a garrafa lançada ao mar, o poema vai além daquele que o escreve e daquele para o qual ele é endereçado, demanda do leitor seu perdão, como uma linguagem *apostrophé*, a inscrição do traço se põe ali para trazer ao mundo à cena da escritura um texto constituído por sua “verdade”, “pois apenas mãos verdadeiras escrevem poemas verdadeiros” (CELAN, 1996b, p. 66); já referimos Celan em *O meridiano*, o texto, o poema fala ao leitor e demanda seu perdão confessando os atos. Perdoar. Derrida nos dirá que escrevemos, escrevemos ainda e escrevemos para confessar, para perdoar e também para pedir perdão, ao leitor, ao outro, sobretudo, ao outro:

Eu devo demandar perdão – para ser justo. Entendam bem o equívoco desse “para”. Eu devo demandar perdão com a finalidade de ser *justo*, para ser justo, em vista do ser justo; mas eu devo também demandar perdão para ser justo, por ser justo, para que eu seja apenas justo, para que, para ser justo, eu estou errado e traído. Eu devo demandar perdão (o fato) para ser justo. Porque é injusto para ser justo. Eu traio alguém sempre para ser justo; eu traio sempre o um para o outro, eu perjúrio (falso juramento) como eu respiro. E é sem fim, não somente porque eu demando sempre o injusto no perdão (aquele que cometeu o ato injusto é demandado), traindo alguém perdando porque ele está condenado a perdoar (injustamente) em nome de um outro. Perdão! Me-perdoem. [...] No fundo (basicamente), vocês não saberão jamais o que quero dizer quando digo para concluir, como no início, desculpe, obrigado (Pardon! Merci!). No início, então, não terá a palavra “perdão”, mas obrigado. (DERRIDA, 2012, p. 71-72)¹²

A respiração do poema

Poesia: é qualquer coisa que pode significar uma mudança na respiração.
PAUL CELAN

A desconstrução não é nem uma filosofia, nem uma ciência, nem um método, nem uma doutrina, mas, como digo muitas vezes, o impossível e o impossível como “aquele que chega”.
JACQUES DERRIDA

Que faz o outro? Traumatiza certezas antes de tudo.
RICARDO TIMM DE SOUZA

É em *Der Meridian*, discurso proferido por ocasião do prêmio Büchner e que aqui utilizaremos para citação a tradução de João Barrento¹³, que Celan traça um caminho em direção à

l'expérience de la langue même, toujours comme langue de l'autre, ce que Celan connaissait et reconnaissait si singulièrement, mais qui est aussi une expérience universelle de la langue (je dois dire que j'ai moi-même signé ce livre dans la lutte, à la demande du fils de Heidegger, avec autant d'inquiétude, une inquiétude qui se portait autant vers tous ceux à la suite desquels, sans le savoir, je signais, que vers ce que je griffonnais moi-même dans la hâte, les deux choses risquant d'être également fautives, voire jugées, à tort ou à raison, impardonnables).(...) “Todtnauberg” reste donc à lire, à recevoir – comme le don ou le pardon mêmes, un don et un pardon qui sont le poème avant d'être, éventuellement, ses thèmes ou le thème d'une attente déçue du poète”.

¹² No original: “Je dois demander pardon –pour être juste. Entendez bien l'équivoque de ce “pour”. Je dois demander pardon afin d'être juste, pour être juste, en vue d'être juste; mais aussi bien je dois demander pardon pour être juste, pour le fait d'être juste, parce que je suis juste, parce que, pour être juste, je suis injuste et je trahis. Je dois demander pardon (le fait) d'être juste. Parce qu'il est injuste d'être juste. Je trahis toujours quelqu'un pour être juste; je trahis toujours l'un pour l'autre, je parjure comme je respire. Et c'est sans fin, car non seulement je demande toujours de parjurer en pardonnant, de trahir quelqu'un d'autre en pardonnant, car on est voué à toujours pardonner (abusivement, donc) au nom d'un autre. Pardon! Pardonnez-moi. [...] Au fond, vous ne saurez jamais ce que je vous dis quand je vous dis, pour conclure, comme au commencement, pardon, merci. Au commencement il y aura eu le mot “pardon”, “merci”.

¹³ Gostaríamos de enfatizar a importância da seguinte passagem do posfácio de Barrento: “A ‘arte poética’ de Paul Celan contida neste discurso é, como a sua poesia, uma busca atormentada, um redemoinhar labiríntico à volta de uma

poesia, sobre o que então ela afinal representa, ou melhor, apresenta na e da realidade. Nos textos (em prosa), o poeta já insinua esse caminho em direção ao aberto do poema, mas é em *O meridiano*, um texto definitivo de sua obra, onde o poeta expõe sua poética:

“Talvez a poesia – é apenas uma pergunta – talvez a poesia, tal como a arte, se dirija, com um Eu esquecido de si, para aquelas coisas inquietantes e estranhas, para de novo se libertar – mas aonde? mas em que lugar? mas com que meios? mas em que condição?” [...]

Deixo o esquecido de si, aquele que se ocupa da arte, o artista. Julguei encontrar a poesia em Lucile, e Lucile apreende a linguagem como figura e direção e respiração: busco também aqui, nesta obra de Büchner, a mesma coisa, busco o próprio Lenz, vou em busca dele – como pessoa –, busco a sua figura: *em nome do lugar da poesia, em nome da libertação, em nome do passo em frente.* (CELAN, 1996b, p. 51-52, grifos meus)

Ouk-topos. Utopia. Um passo em frente.

Lévinas escreve em 1972 o texto *Paul Celan: de l'être à l'autre*, onde diz que para Celan o poema está exatamente no nível pré-sintático e pré-lógico da língua, cito:

Linguagem da proximidade para a proximidade, mais antiga que aquela da *verdade do ser* – que provavelmente carrega e suporta –, a primeira das linguagens, resposta precedendo a pergunta, responsabilidade pelo próximo, tornando possível, pelo seu *para o outro* toda a maravilha do dar. [...] Ao redor dessa preposição do *Meridiano* se construiu um texto onde Celan entrega-se a isso que ele arrecada de seu ato poético. [...] – o tecido de seus poemas. Mas as fórmulas vibrantes do *Meridiano* demandam interpretação. *O poema vai na direção do outro.* Ele espera o reunir liberto e vago. A obra solitária do poeta de esculpir/esculpindo a matéria preciosa das palavras é o ato de expelir um cara a cara. O poema torna-se diálogo – ele é frequentemente diálogo agitado... encontros, percursos de uma voz na direção de um tu vigilante. (LÉVINAS, 2014, p. 62-63, grifos no original)¹⁴

Como Lévinas, acreditamos que neste ensaio, *O meridiano*, de Celan há uma evidente tentativa de pensar a *transcendência*, dizer sem dito, aperto de mão: “o fato de falar ao outro – o poema – precede toda tematização; é nele que as qualidades se reúnem em coisas: mas o poema deixa dessa forma ao real a alteridade que a imaginação pura lhe arranca, ele *concede ao outro uma parcela de sua verdade: o tempo do outro*” (LÉVINAS, 2014, p. 66, grifos meus)¹⁵. Essa

outra obra breve e intensa, a do poeta dramático ‘da criatura’ Georg Büchner, que emprestou o nome ao maior prêmio literário alemão, que Celan recebe nesse ano de 1960. A caminhada, ao encontro do Outro do poema, do poema impossível ‘que fala em nome de um Outro’, só podia terminar, como termina dez anos mais tarde, à beira do abismo, ou no ‘poema absoluto’ que não existe, na ‘majestade do absurdo’ (como nessa comédia grotesca da humanidade que é o *Leônicio e Lena* de Büchner). Do absurdo que é, no poema como na tragédia, a sua lei de necessidade, e que lhe vem dessa paradoxal tendência para o emudecimento, *do periclitante paradoxo de o poema ser solitário e ir a caminho do Encontro com o Outro. Os ecos que aqui se ouvem podem ser uma resposta ao veredicto de Adorno sobre a (impossibilidade da) poesia depois de Auschwitz;* mas remontam também à teologia de Schleiermacher e, mais certamente, à filosofia dialógica de matriz judaica, de Buber e Rosenzweig a Lévinas (mais de Lévinas que de Buber). É por este trilho que segue, hoje, a minha leitura da poética de Paul Celan” (BARRENTO, 1996, p. 78-79, grifos meus).

¹⁴ No original: “Langage de la proximité pour la proximité, plus ancien que celui de la *vérité de l'être* – que probablement il porte et supporte -, le premier des langages, réponse précédant la question, responsabilité pour le prochain, rendant possible, par son *pour l'autre* toute la merveille du donner. [...] Autour de cette proposition du Méridien se bâtit un texte où Celan livre ce qu'il perçoit de son acte poétique. [...] – le tissu de ses poèmes. Mais les formules vibrantes du Méridien demandent interprétation. *Le poème va vers l'autre.* Il espère le rejoindre la matière précieuse des mots est l'acte de débusquer un vis-a-vis. Le poème devient dialogue, il est souvent dialogue éperdu... rencontres, chemin d'une voix vers un toi vigilant [...]”. Os trechos deste texto de Lévinas, utilizados ao longo do ensaio, foram traduzidos por Grégori Elias Laitano, para o nosso uso acadêmico e pessoal.

¹⁵ No original: “Le fait de parler à l'autre – le poème – précède toute thématization; c'est en lui que les qualités se rassemblent en choses, mais le poème laisse ainsi au réel l'altérité que l'imagination pure lui arrache, il concède a l'autre une parcelle de sa vérité ; le temps de l'autre”.

transcendência, referida por Lévinas em seu texto, seria no sentido de evasão das amarras totalizantes da ontologia, justamente o movimento de responsabilidade em direção ao outro, que será para nós central na segunda parte deste ensaio, por isso, repito – é o movimento de responsabilidade em direção ao outro:

[...] o estranho, é o estrangeiro ou o próximo. Nada é mais estranho nem mais estrangeiro que o outro homem e é na claridade da utopia que se mostra o homem. [...] Mas a surpresa dessa aventura onde o eu se dedica ao outro no não-lugar, é o retorno. Não a partir da resposta do interpelado, mas pela circularidade deste movimento sem retorno, dessa trajetória perfeita, desse meridiano que na sua finalidade sem fim, descreve o poema como se indo em direção ao outro, eu reingressasse e me implantasse numa terra, doravante natal, descarregada de todo peso de minha identidade. (LÉVINAS, 2014, p. 66-67)¹⁶

Movimento daqui em direção à utopia, a utopia não como *um sonho ou uma maldita errância, mas a clareira onde o homem se mostra*. Tracejar perfeito, meridiano que na sua finalidade sem fim, descreve o poema. Um não-lugar do silêncio, a poesia, então, também o (não) espaço infinito de uma *escrita* do silêncio ou a estranheza que chega à linguagem de um Dizer entrelinhas do Dito¹⁷. *Desconstrução mesma, endereçamento*. Não-lugar da relação ética, onde é do *traumatismo* do encontro que sobrevém todo o sentido – do fluxo temporal que obriga os diferentes a se encontrarem, temporalidade, diacronia. Encontro, desencontro, trauma e talvez demanda do Perdão. Mudança de respiração. Uma utopia na respiração:

*O meridiano – como a palavra – imaterial, mas terrestre. A partir de todo poema sem presunção... essa interrogação inicial, essa presunção sem precedente. O inelutável: a interrupção da ordem lúdica do belo e do jogo dos conceitos e do jogo do mundo; Interrogação do Outro, busca/procura do Outro. Busca dedicada em poema ao outro: um canto cresce no dar, no um para o outro, na significação mesma da significação. Significação mais antiga que a ontologia e o pensamento do ser e que julgam saber e desejar, filosofia e libido. (LÉVINAS, 2014, p. 69, grifos meus)*¹⁸

Insistiremos outra vez no não-lugar da poesia e em seu endereçamento. Sua utopia como direcionamento, não ponto de chegada ou meta: “este entre-lugar que seria a coincidência entre a *utopia de uma nova condição humana e a própria utopia da linguagem*” (BARRENTO, 1993, p. 13, grifos meus). Trata-se do traço da linguagem. Como a iluminação da sombra na sombra. Utopia para uma saída ainda – sempre – desconhecida, lugar que ainda não existe e exatamente por isso existe. É o lugar da linguagem, um lugar da experiência do sofrimento, dor da qual nasce uma voz humana, nasce, cresce e morre, morre porque renasce sempre toda outra. Essa linguagem continua e precisa continuar, e o caminho para essa escrita de uma impossível calma da linguagem é a *postura ética*, a

¹⁶ No original: “[...] l'étrange, c'est l'étranger ou le prochain. Rien n'est plus étrange ni plus étranger que l'autre homme et c'est dans la clarté de l'utopie que se montre l'homme. [...] Mais la surprise de cette aventure où le moi se dédie à l'autre dans le non-lieu, c'est le retour. Non pas à partir de la réponse de l'interpellé, mais de par la circularité de ce mouvement sans retour, de cette trajectoire parfaite, de ce méridien que, dans sa finalité sans fin, décrit le poème. Comme si en allant vers l'autre, je me rejoignais et m'implantais dans une terre, désormais natale, déchargé de tout me poids de mon identité”.

¹⁷ Neste sentido, cf. SOUZA, 2011, p. 11-16.

¹⁸ No original: “*Le méridien – à l'instar de la parole, immatériel, mais terrestre. A partir de tout poème sans présomption... cette interrogation qu'on ne peut éluder, cette présomption inouïe. L'inéludable: l'interruption de l'ordre ludique du beau et du jeu des concepts et du jeu du monde; L'interrogation de l'Autre, recherche de l'Autre. Recherche se dédiant en poème à l'autre : un chant monte dans le donner, dans l'un-pour-l'autre, dans la signification même de la signification. Signification plus ancienne que l'ontologie et la pensée de l'être et que supposent savoir et désir, philosophie et libido*”.

responsabilidade “de-um-para-o-outro” que Celan cita em *O meridiano*. Dizer ao tempo suas trevas, exprimir pelas palavras do tempo o silêncio de suas trevas.

Em Celan encontramos uma obra testemunhal do tempo de catástrofes, onde a poesia diz a verdade sendo completamente justa com a ferida e o inferno, o contraponto, o *face a face*, convocando a restituição dos restos. Essa é a provocação de uma verdadeira obra de arte poética. A poesia traça essa loucura pela justiça, para lembrar Derrida, é o ofício do poeta, traçar este caminho de utopia, de busca pela verdade, da verdade mesma, com seu abismo do tempo, a palavra é árdua e áspera. *O meridiano* é como um “acento agudo” da temporalidade que atravessa a montanha ou viaja pelo mar na procura da explicação, da exposição, dessa transposição da linguagem ética em palavras da *poesia* em direção à utopia, *o impossível caminho do impossível*:

Minhas Senhoras e meus Senhores: encontro alguma coisa que me consola um pouco por, na vossa presença, ter percorrido este caminho do impossível, este impossível caminho.

Encontro aquilo que une e como que conduz o poema ao encontro.

Encontro qualquer coisa – como a linguagem – de imaterial, mas terreno, planetário, de forma circular, que regressa a si mesma depois de passar por ambos os polos e – coisa divertida! – cruzar os trópicos: encontro um *Meridiano*. (CELAN, 1996b, p. 63)

Despedida: da impossibilidade de concluir, rastros de respiração do perdão, o gesto ético-filosófico

Pede-se sempre perdão quando se escreve.

JACQUES DERRIDA

La poésie ne s'impose plus, elle s'expose.

PAUL CELAN

A poesia se expõe. Se expõe enquanto endereçamento a um outro que me faz respirar, me faz respirar enquanto esse gesto é um gesto de perdoar e de agradecer. Assim, este nosso pensamento em voz alta pretende menos chegar à uma conclusão, mas esboçar o lugar de discussão que aqui apenas se inicia, propusemos pensar o traço do poema, sua *signature*, como esse endereçamento do Perdão, des-interessado de si, mas que vai a caminho, a caminho de um outro, um perdão que diz nas palavras de sombra da poesia, toda a sua força, toda a força do gesto que é o perdão, perdão-demanda, perdão-dom, perdão, agradecimento. Como um encontro com o Outro pela linguagem é(sté)tica silenciosamente eloquente e inconclusa, para chegarmos “ao ponto de ruptura, de irrupção da Alteridade” (SOUZA, 2010, p. 49), tracejando pelas margens sensíveis o encontro com o Outro ressignificado através deste gesto, *perdoar* sendo uma linguagem que chega, sussurra e permanece outra. Exilado em outra língua, língua do outro, escrever como abertura a uma responsabilidade ética que faça, aqui especificamente na singularidade da poesia, pelo infinito espaço da folha, ressignifica a palavra como que fazendo vir no limiar da página da memória o ato inominável e imperdoável, agora todo outro, todo *significado* pelo seu *perdon-merci* que se diz ao escrever. Nos dirá Jabès que “há [na poesia] o eco, jamais extinto, de uma outra língua. Símile a nós, margeando, antes de franqueá-la a uma certa hora do dia, a fronteira da sombra e da luz [...]” (JABÈS, 2016, p. 38-39), a poesia no *porvir*, ali já está, a margear o limiar das páginas com o pensamento e as mãos, a contar uma história do silêncio por via da pintura de uma letra da memória, sua escritura eloquente, mas, ainda, por vir na palavra *poética* entrelaçada a um rastro da diferença que significa perdoar. Perdoar tudo de outro modo, perdoar o que é imperdoável nesse espaço temporal que exorbita o sentido, *significação de sua própria significação* que instância nenhuma pode julgar ou quantificar, apenas confessado e perdoado, como uma *loucura poética do acontecimento*.

Onde a expressão de um *evento: tempo aprazado*, onde o desenho da palavra se inscreve, des-escreve, des-inscreve num gesto poético deslizando sobre o limiar da vida, sobre o limiar da morte, cravando neste último a cicatriz que se movimenta pela voz, através dele, linguagem como um *endereçamento e signature* da experiência do sofrimento de um ato inominável. Tentativa de exprimir o indizível, “ligando-se ou explodindo em novas palavras, novos sinais para a realidade” (BARRENTO, 1993, p. 10), a procura infinita de falar para além fronteiras procurando atravessar cada palavra apesar da fronteira (JABÈS, 2004, p. 43 et seq.), neste diálogo sobre *poética*, *endereçamento*, *signature* e perdão, um exílio do estrangeiro e de sua escrita, rastro, o lugar-não-lugar onde a poesia está a caminho, a caminho de um outro, de um tu, do impossível como o gesto de toda filosofia que faça de seu ofício esse percorrer do meridiano atravessando fronteiras, margeando o sensível ético do sentido. Respirar e perdoar e agradecer, eis-aqui um poema:

Falar com os becos sem saída
ali defronte,
da sua
expatriada
significação – :
mastigar
este pão, com
dentes de escrita
(CELAN, 1993)

Referências

- BARRENTO, João. O mistério do Encontro. In: CELAN, Paul. *Arte poética: O meridiano e outros textos*. Trad. João Barrento e Vanessa Milheiro. Lisboa: Cotovia, 1996.
- _____. O pêndulo. In: BACHMANN, Ingeborg. *O tempo aprazado*. Edição bilingue. Seleção, tradução e introdução de João Barrento e Judite Berkemeier. Porto: Assírio & Alvim, 1993.
- CELAN, Paul. *Obras completas*. Trad. José Luis Reina Palazón. Madrid: Trotta, 2002.
- _____. *Le méridien & autres proses*. Édition bilingue. Traduit de l'allemand et annoté par Jean Launay. France: Seuil, 2000. Dossier iconographique.
- _____. *A morte é uma flor*: poemas do espólio. Trad. J. Barrento. Lisboa: Cotovia, 1998.
- _____. Todtnauberg. In: _____. *Lichtzwang*. Frankfurt: Suhrkanp Taschenbuch, 1996a.
- _____. *Arte poética: O meridiano e outros textos*. Trad. J. Barrento e V. Milheiro. Lisboa: Cotovia, 1996b.
- _____. *Sete rosas mais tarde*: antologia poética. Seleção, tradução e introdução de João Barrento e Y. K. Caetano. Lisboa: Cotovia, 1993.
- CANETTI, Elias. *A consciência das palavras*: ensaios. Trad. Márcio Suzuki e Herbert Caro. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- DERRIDA, Jacques; ROUDINESCO, Elisabeth. *De que amanhã...: diálogo*. Trad. Antonio Carlos dos Santos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- DERRIDA, Jacques; BENNINGTON, G. *Jacques Derrida*. Paris: Seuil, 1991.
- DERRIDA, Jacques. *Pardoner: l'impardonnable et l'imprescriptible*. Paris: Galilée, 2012.
- _____. La literatura segregada – una filiación imposible. In: _____. *Dar la muerte*. Trad. Cristina de Peretti y Paco Vidarte. Barcelona: Paidós Ibérica, 2000.
- _____. *Paixões*. Trad. Lóris Z. Machado. Campinas: Papyrus, 1995.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- JABÈS, Edmond. *Isso teve lugar / A memória da palavra: como leio Paul Celan*. São Paulo: Lumme, 2016.
- _____. *Eso sigue su curso*: el libro de las márgenes I. Trad. David Villanueva. Madrid: Arena Libros, 2004.
- LÉVINAS, Emmanuel. Paul Celan: de l'être à l'autre. In: _____. *Noms propres*. Paris: Fata Morgana, 2014.
- _____. *Humanismo do outro homem*. Trad. Pergentino S. Pivatto (Coord.). Petrópolis: Vozes, 2012.

_____. *Ética e infinito*. Trad. João Gama. Lisboa: Edições 70, 2007.

_____. *Aturement qu'être ou au-delà de l'essence*. Paris: Kluwer Academic, 1990. (*De otro modo que ser o más allá de la esencia*. Salamanca: Sígueme, 2003).

LIMA, Luiz Costa. *Mímesis: desafio ao pensamento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ROSENZWEIG, Franz. *El nuevo pensamiento*. Madrid: Visor, 1989.

SOUZA, Ricardo Timm de. Escrever como ato ético. *Letras de Hoje (On-line)*, Porto Alegre, v. 48, p. 223-226, 2013.

_____. *Kafka: a justiça, o veredicto e a colônia penal, um ensaio*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

_____. *Adorno & Kafka: paradoxos do singular*. Passo Fundo: IFIBE, 2010.

_____. *Ainda além do medo: Filosofia e Antropologia do preconceito*. Porto Alegre: Dacasa, 2002.

_____. *Metamorfose e extinção: sobre Kafka e a patologia do tempo*. Caxias do Sul: EDUCS, 2000a.

_____. *Sentido e alteridade: dez ensaios sobre o pensamento de E. Lévinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000b.

Recebido em: 24 jan. 2018.

Aprovado em: 28 fev. 2018.

